Natação: o protagonismo estudantil no meio líquido

Renan Luiz Ribeiro Santana

O projeto político-pedagógico da Escola Estadual Fúlvio Abramo enxerga os alunos e alunas como sujeitos sociais com direitos garantidos, que buscam aprendizagem de modo efetivo, autônomo. O projeto está atento às diversidades e ao respeito mútuo, assumindo o desafio de buscar a formação integral do ser em todas as suas ações. A Educação Física, englobada nos princípios deste projeto político-pedagógico da Unidade Escolar, se organiza nos cinco anos iniciais do Ensino Fundamental. Ela busca justiça social e equilíbrio entre as práticas, distribuindo ao longo dos anos a tematização de lutas, brincadeiras, esporte, dança e outras manifestações corporais, por vezes silenciadas no ambiente escolar. Assim, é comum que extrapolemos os muros da escola a partir de propostas realizadas pelos alunos para experimentar o corpo e as práticas, buscando a formação dos educandos de forma integral, dando-lhes autonomia, protagonismo, cidadania e criticidade.

Para saber qual tema gerador iremos aprender, fazemos a votação de qual esporte os alunos e alunas gostariam de tematizar. Em 2018, os estudantes do 3º ano escolheram "NATAÇÃO". Por ser uma escolha nada convencional, e havendo similaridade na escolha das duas salas do período da tarde, busquei entender o porquê desta escolha. Mapeei primeiramente o conhecimento prévio dos discentes, por meio de questionário de perguntas dirigido aos estudantes (total de 65 crianças) e seus pais/responsáveis. Descobri que 80% deles, em algum momento da vida, já esteve no meio líquido: em praias, em rios de outras cidades/Estados; em piscinas de sítios alugados pela família ou por organizações religiosas; em espaços sociais, como o Sesc Itaquera ou em um dos dois Centro Educacional Unificados (CEU) da região (Água Azul e Inácio Monteiro). De todos, apenas uma aluna havia tido aulas de natação esportiva em uma academia de outro bairro. Treze crianças do grupo nunca havia entrado em ambiente líquido.

Em minha experiência de vida, aprendi a nadar em aulas de natação na infância na cidade de Santo André. Como filho de um guarda-vidas, ia com frequência ao seu local de trabalho. Na graduação, participei de um projeto de aulas de natação esportiva para a comunidade. Fiz estágio no Sesc Santo André, vivenciando diferentes modalidades de aulas no meio líquido, e fui por dois anos árbitro da Federação Paulista de Esportes Aquáticos, chegando a participar

dos jogos mundiais de deficientes visuais em 2007 na cidade de São Caetano do Sul. Essa bagagem me ajudou a organizar a seguinte proposta.

Busquei compreender as características da comunidade. A Escola Estadual Fúlvio Abramo fica no bairro de Cidade Tiradentes, subdistrito da capital paulista, a 34 km do marco zero, no extremo da Zona Leste da cidade de São Paulo. A região, com quase 300 mil habitantes, é conhecida por anos como o maior complexo habitacional da América Latina. A escola possui 16 salas do 1º ao 5º do Ensino Fundamental, divididas em dois períodos, atendendo a 540 alunos. Esta região possui 0,22 equipamentos de lazer para cada 10 mil habitantes, segundo o Mapa da Desigualdade. Entre esses equipamentos há somente duas piscinas públicas. Não foi possível identificar as poucas piscinas privadas existentes.

Especificamente na cidade de São Paulo, para a prática em meio líquido, se faz necessário o acesso a piscina. Em muitos lugares, esta é de propriedade particular: condomínios, clubes, empresas, espaços sociais de educação não formal, por exemplo. Estes espaços são destinados, em sua maioria, para o lazer recreativo (passar o dia) ou para prática/ensino da natação esportiva (os quatros estilos ou competições) e hidroginásticas, entre outras modalidades oferecidas. A atividade em meio líquido, independente da finalidade que se tenha, é restrita a grande parcela da população, entre outros fatores, pelo quesito financeiro: a mensalidades de aulas, a associação em um clube, a necessidade de ser condômino.

Mesmo São Paulo sendo uma cidade constituída hidrograficamente por rios, córregos e represas, estes meios naturais estão poluídos. Há relatos de acesso à represa somente na região de Parelheiros (que fica a 69 km da Cidade Tiradentes), nas “prainhas” e clubes náuticos dessa região.

A partir desses dados, percebi a disparidade que existe entre as regiões da capital paulista. As zonas de grande poder aquisitivo possuem a maioria das piscinas e, por terem melhores condições econômicas e de bem-estar, têm acesso a uma atividade que, para outras regiões como a Cidade Tiradentes, é desconhecida ou inacessível para a prática regular.

Considerando tal realidade, se já é difícil o acesso à piscina, o que dizer da sua tematização em ambiente escolar? A natação no ambiente escolar é escassa e limitada por diversos motivos. A maioria das piscinas escolares estão em colégios particulares, nos quais há as aulas de natação, geralmente em períodos fora do componente curricular da Educação Física. Nas escolas públicas, em específico da cidade de São Paulo, há acesso à piscina dos Centros Educacionais Unificados (CEU); porém, a prática ocorre em momentos de lazer, em um único dia específico, escolhido pela gestão escolar, para os estudantes acessarem a piscina. Com isso, nas diferentes realidades, há poucos relatos de tematização, e o direcionamento é

voltado para o ensino esportivo dos estilos olímpicos (crawl, costas, peito e borboleta) e/ou para a busca de benefícios à saúde e ao lazer.

Com esses dados percebi que o termo “natação” para os alunos e alunas significa estar no meio aquático. Isso é tão importante, que é preciso de intervenções urgentes para democratizar o acesso e vivência com reflexão/ação dentro da cidade mais desigual do país. Entretanto, seria necessário buscar metodologia e estratégias que pudessem contemplar a aprendizagem de forma significativa.

Ao buscar o motivo da escolha desta prática corporal, as professoras generalistas de cada turma e eu, durante o planejamento de início de ano letivo de 2019, percebemos que ela está carregada de significados para os estudantes da Escola Estadual Fúlvio Abramo. Com tamanha riqueza de possibilidades que o termo trouxe consigo, reconhecemos o protagonismo dos estudantes e validamos tematizar esta prática em 2019. Tendo como proposta vivenciar o movimento e fazer um estudo cultural, utilizando seus significados e significantes, e fazendo das aulas um encontro prazeroso e lúdico como a piscina propõe, idealizamos aos alunos e alunas que conhecessem seu corpo, as possibilidades que ele tem, e fossem protagonista da aprendizagem.

Ao buscar nos livros oficiais de metodologias, vi que estava amparado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelo Currículo Paulista. Estando na área de linguagem, o objetivo era fazer a leitura social — logo cultural — resultante dos movimentos, dos textos, dos discursos, das relações de poder, da história e dos processos de subjetivação, a fim de propiciar aos estudantes uma compreensão mais elaborada dos inúmeros aspectos que caracterizam a natação, por exemplo, as experiências dos educandos no meio líquido, o discurso dos benefícios físicos, orgânicos, sociais, terapêuticos e recreativos, entre outros, e também, de vivenciar e aprender as possibilidades do corpo no meio líquido.

Especificamente na área da educação física escolar, Marcos Garcia Neira e Mário Ferreira Nunes (2009) afirmam que um conteúdo de ensino é legitimo e valioso quando emana de uma sociedade a qual serve e por ela é legitimado. Mesmo a natação sendo uma prática de difícil acesso no ambiente escolar, devido à necessidade de se ter uma piscina, valorizar uma prática tão importante e rica culturalmente foi a oportunidade de abordar inúmeras possibilidades, buscando a compreensão profunda da realidade em foco e o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos como sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido.

Busquei formas de viabilizar esta prática. A princípio, falei com a gestão do CEU Água Azul e, por meio de ofício da escola, foi-nos concedido um horário: quarta-feira das 14 às 16 horas. Durante esse intervalo, poderíamos utilizar o complexo de piscinas, composto por uma

piscina semiolímpica com 1 metro de profundidade, uma piscina para crianças e os vestiários. Porém, teríamos de esperar o fim da reforma da piscina, prevista para o segundo semestre de 2019.

A segunda ação foi organizar, no início do ano, o horário de aulas. Eram duas salas de 4º ano. As aulas de Educação Física para cada turma são divididas em duas aulas semanais de 50 minutos, como rege a legislação para Educação Física no Ensino Fundamental Ciclo I das escolas estaduais do Estado de SP. As aulas ocorreriam na seguinte dinâmica: uma aula seria na escola, com uma roda de conversa e reflexão dos registros feitos pelo docente e discentes, e a outra aula seria com as duas turmas na piscina. Inicialmente planejamos 20 aulas neste formato. Como o período da tarde se inicia às 13h45, decidimos que as duas primeiras aulas das quartas-feiras seriam para as duas turmas de 4º ano participantes do projeto. O tempo seria utilizado para o transporte, vivência na água, banho e retorno para a escola.

Então, busquei parcerias. Como o CEU fica a 2 km da escola, conversei com alguns motoristas do transporte escolar para saber se havia a possibilidade de levarmos as crianças até o CEU nas vans. Eles aceitaram sem cobrar valor algum.

Guardei esse segredo durante o primeiro semestre para não gerar expectativas nas crianças, e por ainda não haver data correta para início do projeto, pois ainda aguardávamos o fim da reforma. Seguimos tematizado outros esportes escolhidos pelos discentes. Ao voltar do recesso do meio do ano, recebemos da gestão do CEU a previsão de que em setembro a piscina já estaria pronta. Organizamos as autorizações, anamnese e, durante a reunião com as famílias, conversamos sobre a proposta das aulas, como faríamos o transporte e como seriam as aulas. De pronto já tivemos a aceitação de quase todos os responsáveis pelas crianças, exceto os de uma aluna.

NOME DO ALUNO: [illegible] 4º B

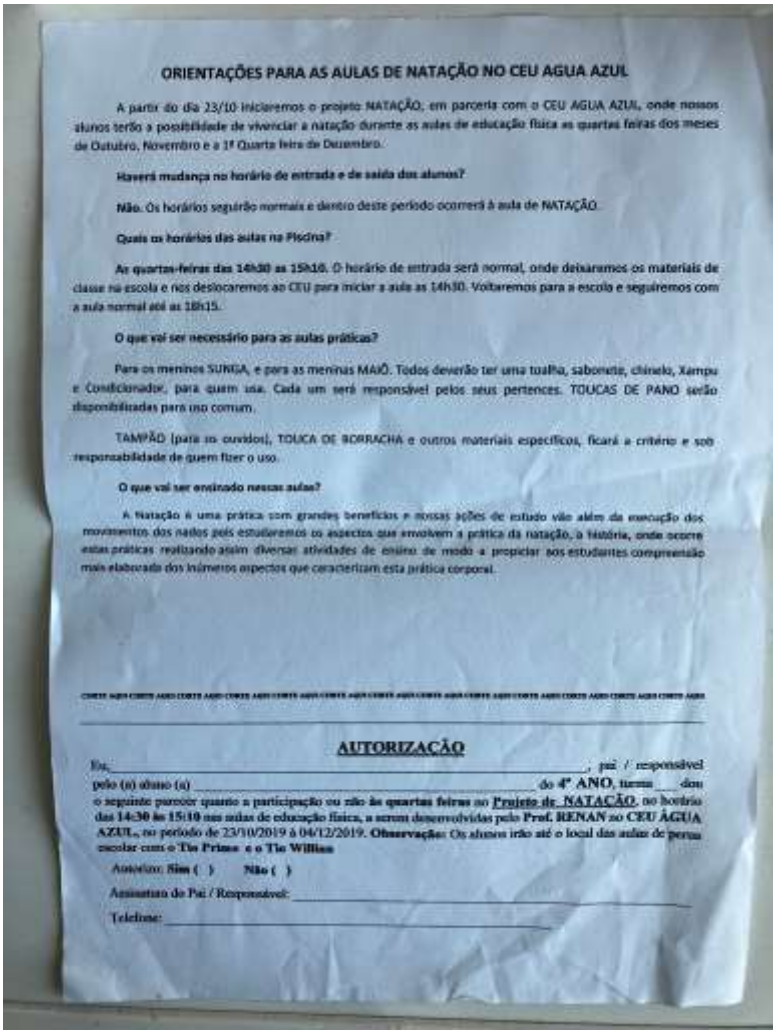
QUESTIONÁRIO DE NATAÇÃO

1. Tem vivencia em ambiente aquático? ☐PISCINA ☐PRAIA ☐RIO OUTRO não tem
2. Já praticou natação? ☒NÃO ☐SIM, em que piscina? _____

QUESTÕES MÉDICAS

3. Tem algum tipo de problema cardíaco? ☒NÃO ☐SIM, qual? ☐BRADICARDIA ☐TAQUICARDIA ☐HIPERTENSÃO ☐OUTRO _____
4. Possui algum tipo de alergia respiratória? ☐NÃO ☒SIM, qual? ☐ASMA ☐BRONQUITE ☐RINITE ☒SINUSITE ☐OUTRO _____
5. É diabético? ☐SIM ☒NÃO
6. É epiléptico? ☐SIM ☒NÃO
7. Sofre de algum problema nos olhos ou nos ouvidos? ☒NÃO ☐SIM, qual? _____
8. Sofre de incontinência urinária ou tem problemas renais? ☒NÃO ☐SIM
9. Sofre de algum tipo de problema na coluna vertebral? ☒NÃO ☐SIM, qual? ☐ LORDOSE ☐ CIFOSE ☐ ESCOLIOSE ☐ OUTRO. Qual? _____
10. Sofre de algum tipo de reumatismo? SIM NÃO ☒
11. Foi submetido a alguma intervenção cirurgica? ☐NÃO ☒SIM Qual e por quê? hérnia umbilical e umbigo
12. Costuma usar algum tipo de medicamento regular? ☒NÃO ☐SIM Qual e para que? _____

ASSINATURA DO RESPONSAVEL: [illegible] TELEFONE: 97561-1993 mãe 95190-0331



ORIENTAÇÕES PARA AS AULAS DE NATAÇÃO NO CEU AGUA AZUL

A partir do dia 23/10 iniciaremos o projeto NATAÇÃO, em parceria com o CEU AGUA AZUL, onde nossos alunos serão a possibilidade de vivenciar a natação durante as aulas de educação física as quartas feiras dos meses de Outubro, Novembro e a 1ª Quarta feira de Dezembro.

Haverá mudança no horário de entrada e de saída dos alunos?

Não. Os horários seguirão normais e dentro deste período ocorrerá à aula de NATAÇÃO.

Quais os horários das aulas na Piscina?

As quartas-feiras das 14h30 as 15h10. O horário de entrada será normal, onde deixaremos os materiais de classe na escola e nos deslocaremos ao CEU para iniciar a aula as 14h30. Voltaremos para a escola e seguiremos com a aula normal até as 18h15.

O que vai ser necessário para as aulas práticas?

Para os meninos SUNGA, e para as meninas MAIÔ. Todos deverão ter uma toalha, sabonete, chinelo, Xampu e Condicionador, para quem usa. Cada um será responsável pelos seus pertences. TOUCAS DE PANO serão disponibilizadas para uso comum.

TAMPÃO (para os ouvidos), TOUCA DE BORRACHA e outros materiais específicos, ficará a critério e sob responsabilidade de quem fizer o uso.

O que vai ser ensinado nessas aulas?

A Natação é uma prática com grandes benefícios e nossas ações de estudo vão além da execução dos movimentos dos nados pois estudaremos os aspectos que envolvem a prática da natação, a história, onde ocorre estas práticas realizando assim diversas atividades de ensino de modo a propiciar aos estudantes compreensão mais elaborada dos inúmeros aspectos que caracterizam esta prática corporal.

AUTORIZAÇÃO

Eu,_____, pai / responsável pelo (a) aluno (a) _____ do **4º ANO**, turma ___ dou o seguinte parecer quanto a participação ou não **às quartas feiras** no **Projeto de NATAÇÃO**, no horário das **14:30 às 15:10** nas aulas de educação física, a serem desenvolvidas pelo **Prof. RENAN** no **CEU ÁGUA AZUL**, no período de 23/10/2019 à 04/12/2019. **Observação:** Os alunos irão até o local das aulas de perua escolar com o **Tio Prince e o Tio William**

Autorizo: **Sim ( )** **Não ( )**

Assinatura do Pai / Responsável: _____

Telefone: _____

Infelizmente, o prazo para o fim da reforma não foi cumprido e tivemos que readequar as 20 aulas, pois somente em outubro a piscina seria liberada. O projeto foi readequado para 13 aulas, alternadas uma na escola e outra na piscina. Amparado pela metodologia da Educação Física da currículo cultural, e como não encontrei relatos de aulas em piscina que se adequassem a nossa realidade, tive de artistar, pela participação coletiva de todos os envolvidos buscando aprender juntos, para aprofundá-la e ampliá-la mediante o acesso a outras significações.

Como já havíamos passados por vários temas, e o último seria o esporte, a primeira aula deste projeto foi um convite a pensar sobre o significado do termo “natação”, e o que faríamos nas aulas práticas. Ouvi o que os alunos diziam. A fala deles estava e predominantemente relacionada a práticas de lazer. Disseram que seria muito divertido, contaram experiências vividas; alguns alunos disseram que já haviam assistido às Olimpíadas, e que eles nadavam

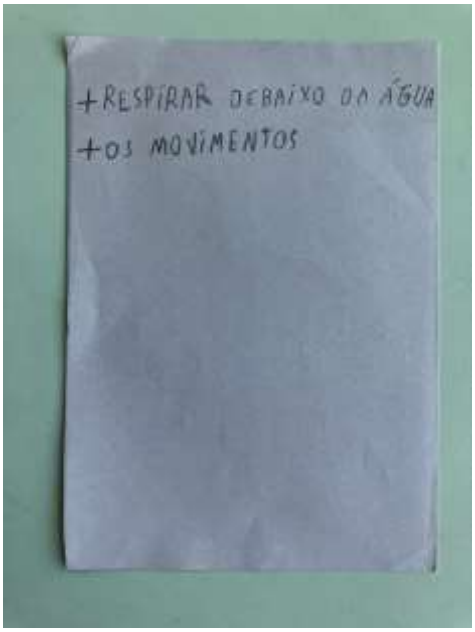
muito rápido. Conversamos sobre alguns combinados referente ao uso do espaço, ao banho e à responsabilidade com seus pertences.

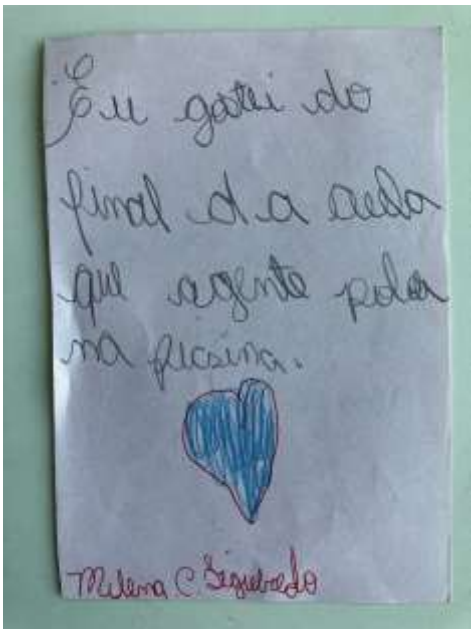
A primeira aula na piscina foi cheia de expectativas para todos: 23 de outubro. Fui com a ideia de vivenciar o corpo no meio líquido, visando contemplar as necessidades dos discentes. Fiquei dentro da água; do lado de fora estavam duas professoras, a vice-diretora e o diretor, nos dando suportes, além da presença de dois guarda-vidas, funcionários do CEU. A aluna que não teve autorização dos responsáveis para entrar na piscina ficou do lado de fora, fazendo observações sobre o que via. Todos fizeram registros fotográficos.

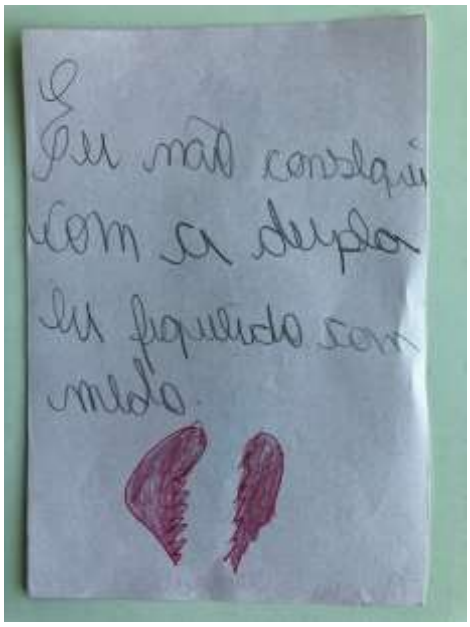
Por estamos com 60 crianças, começamos todos sentados na borda da piscina. Iniciamos a aula com uma brincadeira lúdica para molhar o corpo. Depois entramos juntos e fizemos a "correnteza" — atividade em que todos andam próximos à borda, criando movimento com a água; ao meu comando, os alunos viram 180 graus e andam contra o movimento da água. Fizemos experimentos de andar dentro da água em diferentes sentidos e de submergir. Eu dava diferentes comandos, buscando perceber quais movimentos eram realizados. Percebi que o movimento da água, para muitos, trazia dificuldades e causava medo.

Era impossível ouvir todos naquele momento. Então, ao regressar para a escola, pedi que eles escrevessem as dificuldades e facilidades que tiveram na aula. No fim do período, as professoras recolhiam os textos e me entregavam. O diretor, pela sua observação, sugeriu separar o grupo em pequenos grupos ou duplas, para facilitar a organização da aula.

Na aula seguinte, que seria na escola, fizemos uma roda de conversa e falamos sobre o que havia sido escrito. Dei minhas observações e as dos que estavam do lado de fora. Neste momento, percebemos que vários alunos e alunas tinham dificuldades em segurar e soltar o ar embaixo da água; uns queriam se locomover na água deitados, porém tinham medo, por não saber como fazer isso.







Na aula seguinte, buscamos fazer a prática com exercícios que contemplasse as dificuldades apresentadas nos registros. Como forma de iniciar a aula, repeti o início da aula anterior, em que nos sentamos na borda da piscina e fizemos uma brincadeira lúdica de molhar o corpo. Depois, entramos juntos na piscina.

Em seguida, dividi a turma em 4 grupos e propus movimentos em forma de desafios. Expliquei a cada grupo como deveriam proceder e, assim, uns ajudavam os outros. Eles falavam e faziam os movimentos, criando e compartilhando possibilidades para o que havia sido proposto (imagem 8). Incentivava-os a perder o medo da água, ficando submersos. Os que

já conseguiam fazer isso, o desafio era se locomover em decúbito na água. No fim dessa aula, percebi que o medo de afundar a cabeça na água tinha diminuído consideravelmente entre as crianças, e que já poderíamos pensar nos movimentos para locomoção.

Na aula seguinte, na escola, iniciei explicando sobre algumas leis hidrodinâmicas na relação ar e água, sobre o sistema respiratório e sobre o medo. Em seguida, dei a eles vasilhas plásticas retangulares com água, para eles verem o que acontece com a água nessa relação com o ar. Deixei que eles criassem possibilidades. Percebi que haviam se apropriado do conhecimento e pensavam em hipóteses ao ver o movimento da água nas vasilhas.

No dia da aula na piscina fazia frio e garoava. Como a piscina é descoberta, decidimos em conjunto (a gestão, as professoras e eu) que não iríamos à piscina. Isso gerou muita frustração entre os estudantes. Alguns alunos começaram a reclamar, dizendo que era possível nadar na chuva, e que não ir era frescura. Aproveitei o momento para trazer um dado na anamnese entregue no início do processo, segundo o qual diversos estudantes possuíam problemas respiratórios.

Comecei perguntando o que deveria ser feito naquele dia para que pudéssemos ter aula. Como resposta, ouvi que não deveríamos parar de se mexer na água. Que se tomássemos um banho rápido e quentinho, que não teríamos problemas. Outros, ao ouvirem isso, já se manifestaram: “Eu não vou de jeito nenhum, já acordei com o nariz ruim”. Outros disseram: “Eu fico com a garganta doendo”, “Eu tenho bronquite”. Fui deixando a conversa se desenvolver até o momento que não era possível ter compreensão das falas. Pedi silêncio e questionei se eu deveria deixar na escola os alunos que relataram reações ao frio, e ir com os demais à piscina, ou se todos tinham o mesmo direito. Todos disseram que todos tinham o mesmo direito. Mostrei, pelas falas, que éramos diferentes, que cada um era de um jeito, que possuía características próprias, e que nosso planejamento de aula havia sido pensado para todos aprenderem. Pedi para os que tinham bronquite que compartilhassem o que sentiam com a mudança de temperatura do quente para o frio. Eles relataram tinham falta de ar, dor de cabeça e que, em alguns casos, eram levados às pressas para o hospital. Muitos dos que reclamaram, neste momento, disseram que não sabiam disso. Aproveitei para dizer o que acontece quando respiramos. Desenhei na lousa o sistema respiratório, e quando disse que os brônquios ficam dentro do pulmão, uma aluna que tem bronquite disse que o médico havia falado que o problema dela era nisso aí, e ela só não sabia onde ficava. Outro aluno se manifestou, dizendo que era bem melhor uma piscina coberta igual as de campeonato. Como já havíamos conversados no início do ano sobre esporte, outro aluno disse que os atletas entram

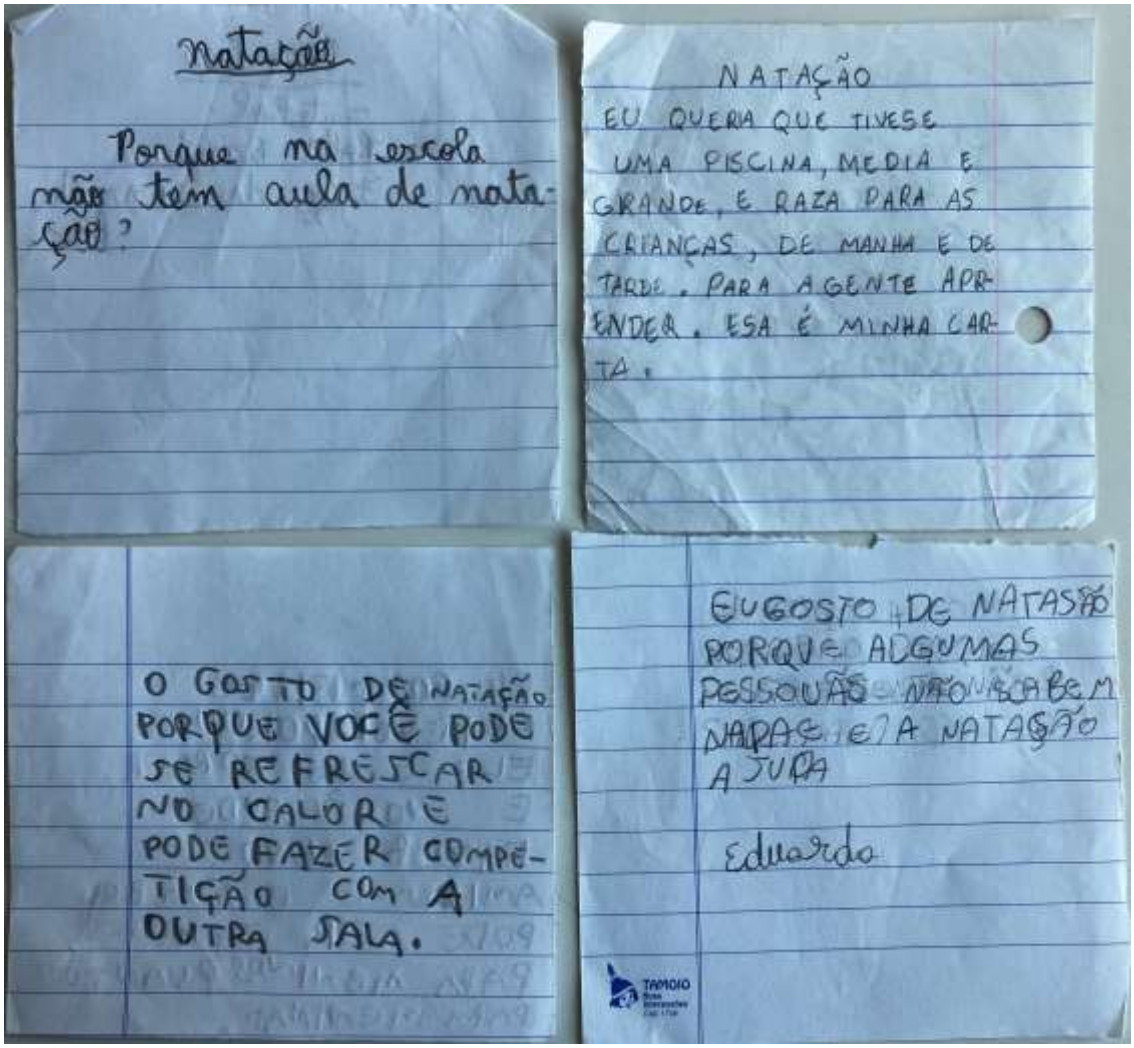
na água no frio porque é o trabalho deles. Assim se encerrou a aula naquele dia, com o fim do tempo de aula.

Atento ao que era dito pelos alunos, percebi que muitos queriam "nadar" — se locomover na água — e que poucos ainda tinham medo. Na aula na escola, conversamos sobre os locais que eles já haviam acessados — rios, praias e piscinas — e o foco foi pensar em como eram os movimentos das pessoas nesse ambiente. A maioria disse que o corpo fica na posição deitada. Uma aluna, então, perguntou se poderíamos boiar na aula seguinte. Alguns dos que estavam presentes gostaram da ideia, e eu disse que a ideia era ótima.

Para a aula na piscina, mantivemos a parte inicial. Em seguida, propus atividades em grupos. Como já havíamos conversado sobre respiração, sugeri a submersão segurando o ar, em seguida, soltando-o de uma vez. Antes de fazer a submersão, propus que tentassem respirar pela boca e pelo nariz, buscando que encontrassem a forma mais confortável para si. Deu certo, e todos conseguiram, à sua maneira, submergir.

Em seguida, fizemos a correnteza, como na primeira aula. Sugeri, então, que ao fazer a correnteza, eles deixassem o corpo ser levado pela água. Esta vivência fez sentido pelo que foi experimentado nas aulas anteriores. Por fim, sugeri que fizessem foguetinho, que consistia em apoiar um pé na parede lateral da piscina, empurrá-lo, e deslizar pela superfície da água com as mãos unidas acima da cabeça e o rosto na água. Houve êxito de grande parte dos alunos e ajudei os que não conseguiam.

Como a escola não possuía sala de informática estruturada, sempre sugiro que os alunos façam pesquisas em casa. Pela conversa das semanas anteriores, alguns foram pesquisar sobre natação e iniciaram a aula seguinte, em sala, dizendo o nome dos quatro estilos de nados, e o nome de alguns atletas. Perguntei se era possível fazer os movimentos que eles faziam, e disseram que sim: era só mexer os braços e as pernas ao mesmo tempo. Relatei que, quando eu fazia aula de natação, demorei para conseguir isso, porque tinha de ter coordenação motora para movimentar pernas e braços e fazer respiração lateral. Perguntei se eles queriam que eu lhes mostrasse como era o nado estilo crawl. Uma aluna disse que, se ficasse muito tempo segurando o ar, a bronquite dela atacava. Outros falaram que nadavam com a cabeça fora da água.



Atento a isso, disse que havia tipos diferentes de nado. Nós usávamos a palavra “natação” para dizer coisas diferentes. Lembrei-lhes de que, para um melhor entendimento, utilizaríamos o termo “natação” para nos referir ao esporte, e “nadar” para o movimento em água. Eles entenderam bem. Um aluno disse que não dá para nadar na praia porque tem onda, “só lá no fundo que dá”, mas como ele tem medo, não vai. Alguns concordaram com essa fala acrescentando suas experiências e assimilando-as com a atividade correnteza, feita em aula. Percebi que alguns alunos e alunas não estavam se identificando nessa conversa por não terem tido essa vivência.

Naquela semana haveria um feriado (Dia da consciência negra, 20 de novembro). Espontaneamente, alguns começaram a dizer que na escola deveria ter piscina, ou pelo menos uma praia próxima à escola, para eles irem sempre.

A aula seguinte foi na piscina. A euforia era grande, por termos ficado algumas semanas sem ir. Mantivemos a dinâmica das aulas anteriores. Dessa vez, sugeri que os alunos se

organizassem em duplas e ajudassem um ao outro a flutuar. Alguns conseguiram. Outros ficaram com medo, por não terem o auxílio do colega.

Depois, pedi que todos se sentassem na borda. Então nadei em estilo crawl de um lado a outro. Depois, deixei-os tentando nadar por alguns minutos. Disponibilizei alguns flutuadores tipo "espaguete". Desafiei-os a tentar ir de uma lateral a outra "nadando". Foi surpreendente vê-los se locomovendo na água.

Na aula posterior na escola, apresentei slides de PowerPoint com imagens dos ambientes que eles haviam assinalado no questionário inicial, na anamnese e nas falas das aulas anteriores. Mostrei que no bairro havia rios, e que nossa cidade era composta de diferentes rios. Apresentei a que distância ficava a praia, mostrei a piscina do Sesc Itaquera, a piscina de um condomínio, uma piscina olímpica, e fotos de pessoas nadando nesses espaços. Perguntei o que eles achavam. As crianças perceberam que nos espaços diferentes há formas diferentes de nadar. Foram conceituando cada uma forma e assimilando nossas práticas com as imagens.

Mostrei então fotos e vídeos feitos nas aulas anteriores. Foi muito interessante, porque eles não estavam acostumados a se verem. Eles perceberem o quanto haviam aprendido no processo. Ouvi diferentes relatos de como foi bom ter vivenciado as aulas na piscina, e que seria bom se houvesse mais aulas assim. Também disseram que os rios não deveriam ser poluídos. Alguns sugeriram fazer uma competição na última aula. Outros disseram que não participariam, porque ainda não se sentiam seguros. Sugeri que eles deveriam nadar de uma lateral a outra da piscina, do seu modo, mas sem encostar o pé no chão. Eles aceitaram o desafio e pediram para ficar livres depois do desafio para "curtirem" a piscina.

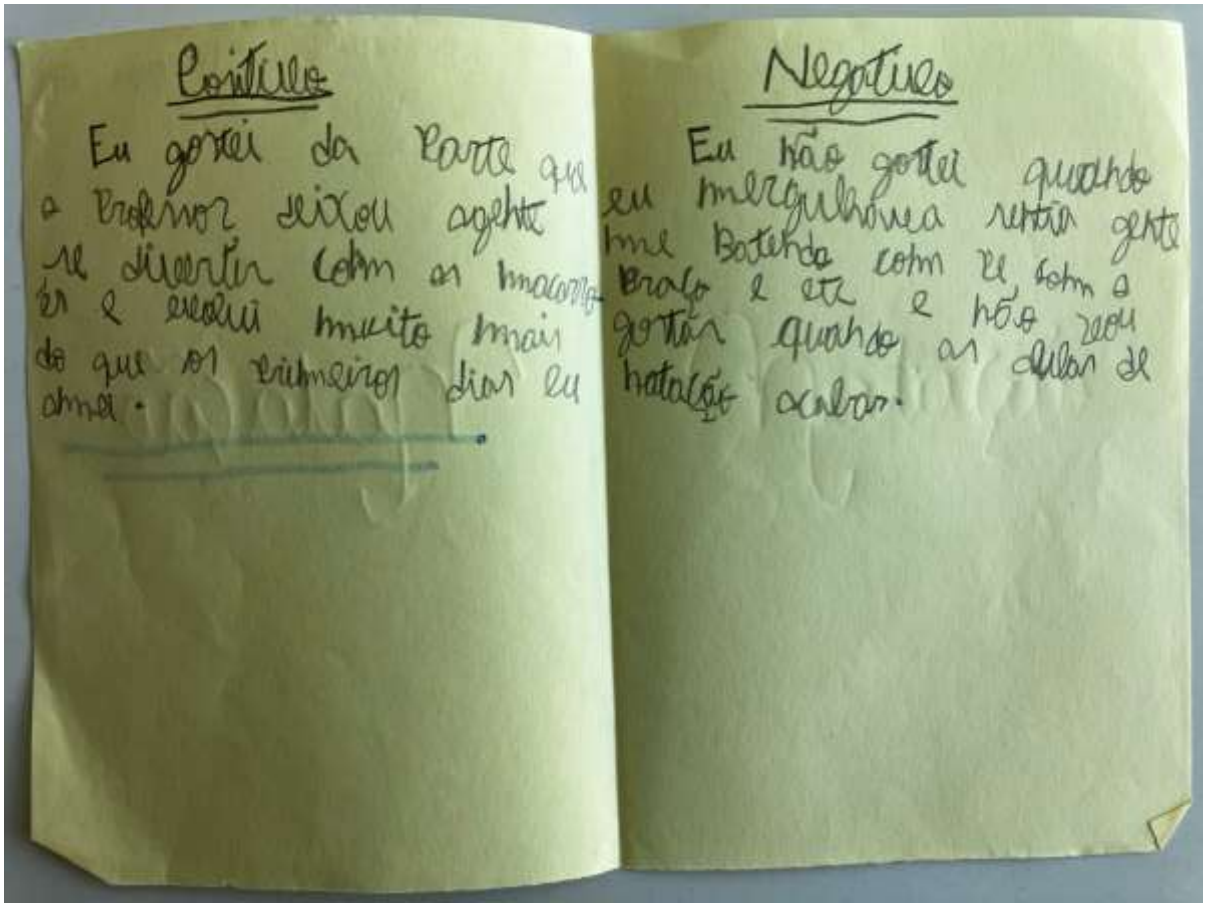
Nesse meio-tempo, como proposta interdisciplinar, a escola organiza uma feira cultural na qual se mostram as habilidades e competências adquiridas no processo de ensino/aprendizagem. Os alunos do 4º ano fizeram um jornal (Imagem 9). Neste jornal havia uma matéria sobre a natação, relatando a importância das aulas, os benefícios desta prática, e agradeceram aos "tios" das vans e a gestão do CEU pelo esforço. (Imagem 10)

Infelizmente, no dia da última aula na piscina, começou uma forte chuva assim que chegamos ao CEU. Isso impossibilitou o que havíamos planejado fazer na aula anterior.

Como resultado, reconheço que, ao tematizar a natação foi possível colaborar com a formação integrada dos educandos ao oportunizar uma prática inacessível e ao promover relações democráticas e não hierarquizadas, pela exposição de um grande número de vozes divergentes, convidando-os a ver as coisas de outra maneira. Houve o esforço de compreender os esquemas sociais daqueles que pensam e agem de forma distinta, o que possibilitou um conhecimento mais profundo dos seus próprios sistemas de crenças, conceitos e preconceitos.

Buscamos também que os alunos se apropriassem da cidade pela participação ativa na utilização do equipamento público, e reconhecessem a evolução da própria cidade e suas consequências.

A avaliação não teve o objetivo de quantificar ou qualificar a relação ensino/aprendizagem. Por meio dos registros, a avaliação, na verdade, foi a maneira de identificar o que os alunos e as alunas conseguiram compreender a respeito das práticas corporais estudadas. Portanto, garantimos que houvesse ressignificação da prática e sua efetivação no currículo escolar, valorizando todos com igualdade de condições e equidade de oportunidades.



APRENDENDO & Descobrindo no JORNAL

São Paulo, 21 a 23 de novembro de 2019. - ANO 1 - Edição 1 - Valor: Doação de alimentos e/ou brinquedos

Alunos dos 4º anos tem aulas de natação no CEU Água Azul página 6

Alunos dos 5º anos arrecadam brinquedos para doação página 8

São Paulo, 21 a 23 de novembro de 2019. - ANO 1 - Edição 1 - Valor: Doação de alimentos e/ou brinquedos

Notícias da Escola

ALUNOS DOS 4º ANOS TEM AULA DE NATAÇÃO NO CEU ÁGUA AZUL

No dia 13 de outubro iniciaram as aulas de natação

com o Projeto do Professor Renan de Educação Física. Os alunos em avaliação feita em 2018 relataram que gostariam de praticar natação nas aulas de educação física, mas como fazer se na escola não tem piscina? Foi diante desse desafio que o prof. Renan começou a ir atrás de parcerias. A primeira foi com a Gestão do CEU Água Azul que prontamente cedeu o espaço. Conversando com os Tios do Transporte Escolar eles toparam levar os alunos gratuitamente. Depois ficou fácil conseguir a direção da escola e os pais. As aulas acontecerão às quartas-feiras nas duas primeiras aulas até o dia 08 de dezembro. Os alunos além de aperfeiçoarem o esporte, aprenderão a cuidar de si e de seus objetos, ampliarão o repertório de espaços públicos do bairro e da cidade e se divertirão. Essa aula eles nunca vão esquecer!!!

SEMANA DA CRIANÇA

Nos dias 09 e 10 de outubro teve dois eventos na es-

cola no dia 09 teve Show de talentos que todo mundo poderia participar para mostrar seu talento. A maioria das pessoas cantaram e dançaram e poucas pessoas

fizeram outras coisas e teve muita risadas repetido e mto que estamos esperando queríamos ver outras coisas além de cantar, dançar e contar piada tentar fazer outras coisas tipo fazer poemas, fazer mágicas , ensinar dobradura e outras coisas. E também queríamos falar sobre os UNIFORMES para que nos o professor Renan estava ok não gostou não pensou fazer nada queríamos falar que no ano que vem não faça mais isso por favor. No dia 10 fizemos uma festa do dia das crianças e todo mundo tinha que trazer alguma coisa para compartilhar o nosso dia todo muito bonnou, dançou, comemou e se divertiu foi uma alegria até na hora da dança teve um grande trem de pessoas o queno todo mundo estava no trem foi uma alegria e festa e todo Pessu alegre. E assa foi mais uma notícia do jornal aprendendo e descobrindo no jornal e sempre se orgulhem pelo que ganha e pelo que tem.

ALUNOS DOS 5º ANOS ARRECADAM BRINQUEDOS PARA DOAÇÃO

Os alunos dos 5º anos arrecadaram brinquedos para doar a outras crianças. Nesse ano os estudantes sobre os Direitos Humanos, os alunos, orientados pelas professoras Janeire e Marcia, pesquisaram a vida de Zilda Arns. Diante da pesquisa eles resolveram além de construírem um Tunel do Tempo e Jogos falando a respeito da vida da fundadora da Pastoral da Criança arrecadarem brinquedos e alimentos a fim de ajudar a uma Associação do Bairro Cidade Tiradentes.

MENINA CAI E QUEBRA O BRAÇO

Tudo começou com a professora levando os seus alunos para brincar, falando apenas 10 minutos para o entorno. Eles brincaram bastante até que uma menina foi correndo e não conseguiu parar, até ela bater numa outra menina e cair. A aluna fraturou o braço e foi embora chorando para casa e até agora não voltou. A escola avisou a família. Os funcionários avisam, mas eles não obedecem. Sentimos pois sentem uns frios e não correram para evitarem acidentes.